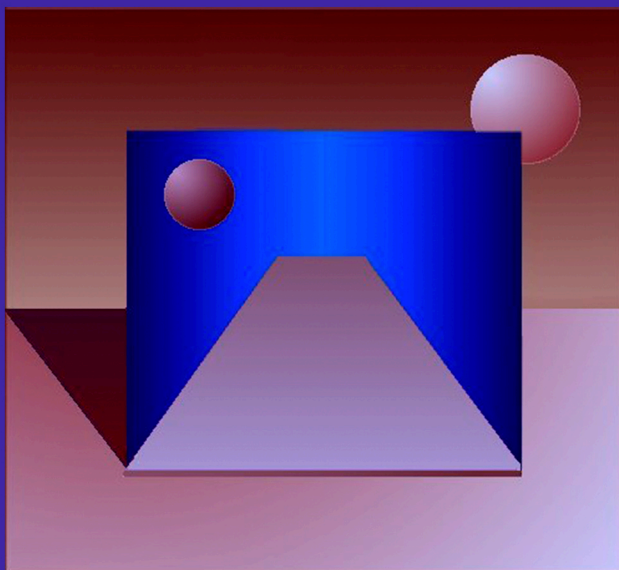


# Filosofia Espírita

Considerações Gerais



*Eduardo Penna*



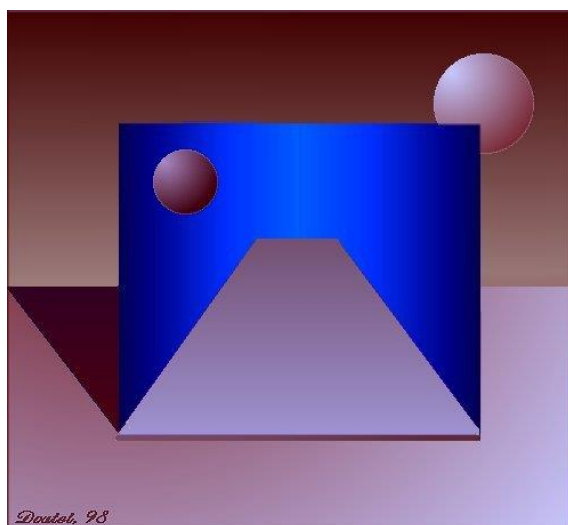
# **Filosofia Espírita**

## **Considerações Gerais**



# **Filosofia Espírita**

## **Considerações Gerais**



***Eduardo Penna***

**Rio de Janeiro – RJ - Brasil**

**2022**

© 2022. Todos direitos reservados.

*Eduardo Penna*

*Rua Paula Freitas 54 / 301*

*Copacabana – CEP 22040-010*

*Rio de Janeiro – RJ – Brasil.*

*+55-21-32811575*

*Lulu Enterprises, Inc.*

[www.lulu.com](http://www.lulu.com)

*3101 Hillsborough St.*

*Raleigh, N.C. 27607*

*USA.*

*ISBN: 978-1-4583-2529-7*

*Direitos autorais definidos pelas leis internacionais vigentes, pelos termos definidos pela Lulu®, com as respectivas restrições pertinentes.*

*Arte Gráfica & Diagramação:*

*Eduardo Penna*

P412

Penna, Eduardo.

Filosofia Espírita – Considerações Gerais /  
Eduardo Penna - Carolina do Norte, EUA: Lulu  
Enterprises, Inc, 2022.

77 f. ; 21 cm.

Bibliografia: 1867-2022

ISBN: 978-1-4583-2529-7

1. Filosofia. 2. Espírita.

I. Título.

CDD 133

# SUMÁRIO

<i>01. Da Fé ao Fato.....</i>	<i>07</i>
<i>02. O Arquétipo Espírita.....</i>	<i>15</i>
<i>03. O Método Filosófico Espírita.....</i>	<i>19</i>
<i>04. O Racionalismo Espírita.....</i>	<i>23</i>
<i>05. A Ética Espírita.....</i>	<i>27</i>
<i>06. Simpatia, Empatia e Antipatia.....</i>	<i>31</i>
<i>07. O Evolucionismo Espiritualista.....</i>	<i>35</i>
<i>08. A Interação Filosófica-Científica.....</i>	<i>43</i>
<i>09. A Fé e O Conhecimento.....</i>	<i>49</i>
<i>10. A Utopia Atávica.....</i>	<i>59</i>
<i>11. A Grande Balança.....</i>	<i>65</i>
<i>12. O Espelho Infinito.....</i>	<i>69</i>





## 01. Da Fé ao Fato

Conforme nos definiu Allan Kardec, o ***Espiritismo*** tem uma tríplice natureza: ***Religião, Filosofia e Ciência.***

Define-se ***Religião*** como um sistema sociocultural de comportamentos e práticas, moralidades, crenças, visões de mundo, textos considerados sagrados, lugares santificados, profecias, ética ou organizações, que geralmente relacionam a humanidade com elementos sobrenaturais, transcendentais e espirituais; no entanto, não há consenso acadêmico sobre o que precisamente constitui uma religião.

Diferentes religiões podem ou não conter vários elementos que vão desde o divino, coisas sagradas, fé, um ser sobrenatural ou seres sobrenaturais ou "algum tipo de ultimidade e transcendência que fornecerá normas e poder para o resto da vida".

Portanto, as Religiões se baseiam na crença, na fé, onde crê-se sem comprovação científica, acadêmica, do que em que se acredita, sendo considerada uma visão fantasiosa, pela necessidade de imortalidade, o medo da morte (tanatofobia) e/ou o desconhecimento da natureza ou processo de fenômenos naturais, que então são atribuídos ao

sobrenatural, como queiram as abordagens materialistas científicas.

**Filosofia** (do grego *Φιλοσοφία*, *philosophia*), literalmente "amor pela sabedoria". É o estudo de questões gerais e fundamentais sobre a existência, conhecimento, valores, razão, mente, e linguagem; frequentemente colocadas como problemas a se resolver.

O termo provavelmente foi cunhado por Pitágoras (c. 570 a 495 a.C.). Os métodos filosóficos incluem o questionamento, a discussão crítica, o argumento racional e a apresentação sistemática.

As questões filosóficas clássicas incluem:

- É possível saber qualquer coisa e provar que se sabe?
- O que é mais real?

Os filósofos também colocam questões mais práticas e concretas, como:

- Existe uma maneira melhor de se viver?
- É melhor ser justo ou injusto?
- Os seres humanos têm livre arbítrio?

Portanto, temos então que a Filosofia se baseia no Pensamento do Ser, com a inteligência bastante para o questionamento de sua própria existência, em busca das suas razões, seus caminhos e destinos.

Depreende-se que a Filosofia tem íntima correlação com a **Psicologia**, na qual o pensamento humano é estudado em sua estrutura (Anatomia e Fisiologia) bem como na interação entre os seres conscientes de sua existência (sencientes).

A Psicologia é uma profissão, disciplina acadêmica e ciência que trata da mente, do estudo e análise de seus processos e comportamento de indivíduos e grupos humanos em diferentes situações.

A Psicologia tem como objetivo imediato a compreensão de grupos e indivíduos tanto pelo estabelecimento de princípios universais como pelo estudo de casos específicos. Segundo alguns, tem ainda como objetivo final o benefício geral da sociedade.

Como Carl Gustav Jung bem colocou, a busca psicológica, dentro de uma abordagem filosófica, repousa nas três perguntas:

- Quem somos?
- De onde viemos?
- Para onde vamos?

**Ciência** (do latim *scientia*, traduzido por "conhecimento"), refere-se a qualquer conhecimento ou prática sistemáticos. Em sentido estrito, ciência refere-se ao sistema de adquirir conhecimento baseado no **Método Científico** bem como ao corpo

organizado de conhecimento conseguido através de tais pesquisas.

Este Método Científico tradicionalmente exige três etapas em seu processo: hipótese, experimento e comprovação. E para a sua validação, tem que ser possível a reprodução do processo pela testagem.

Entende-se, então, porque se considera fantasia, mito, o que ainda não foi comprovado pelo método científico, sendo relegado ao terreno da hipótese ou fantasia.

Chama-se **Ficção Científica** quando esta dita fantasia repousa na ciência já comprovada, principalmente nos ramos da Física e Matemática. A Ficção Científica comporta a extrapolação do conhecido comprovado e além, pelo que é ainda inexistente, porém possível, teoricamente.

Ficção científica é um gênero da ficção especulativa, que normalmente lida com conceitos ficcionais e imaginativos, relacionados ao futuro, ciência e tecnologia, e seus impactos e/ou consequências em uma determinada sociedade ou em seus indivíduos, desenvolvido no século XIX.

Conhecida também como a "literatura das ideias", evita utilizar-se do sobrenatural, tema mais recorrente na Fantasia, baseando-se em fatos científicos e reais para compor enredos ficcionais.

A ação pode girar em torno de um grande leque de possibilidades como: viagem espacial, viagem no tempo, viagem mais rápida que a luz, universos paralelos, mudanças climáticas, totalitarismo, vida extracorpórea e/ou extraterrestre

Dentro da própria metodologia científica, há necessidade de termos elementos que possam testar a idéia para comprovar sua veracidade. Esbarra-se de imediato na limitação em si mesma, pois se ainda não houver método de testar, não tem como comprovar ou não a veracidade da idéia em si.

Afinal, os métodos de testagem por si só também dependem de comprovação de que possam medir, verificar, pois são objetos, ferramentas, da própria metodologia. Exemplo disto é não existir um voltímetro para medir corrente elétrica. Não tem como testar esta corrente elétrica para que a própria testagem seja feita.

Outro exemplo, que invalida a negação da existência do que refuta a Ciência? Aparelhos médicos, tais como Tomografia Computadorizada e Ressonância Magnética. A existência de tais aparelhos por si só presumiu e comprovou a existência de diferentes densidades de estruturas do corpo, quanto mais Hidrogênio possui determinada estrutura e a diferença desta quantidade, permite a distinção das estruturas vistas, sejam por radiação ionizante (Raios X) ou não (ondas eletromagnéticas).

---

O que nos leva a concluir que só podemos procurar o que sabemos ou presumimos existir, enquanto se considera a Metodologia Científica.

Em outro artigo, “*A Fé Cega?*” (Revista O Caminho, Setembro 2021, p.29) já foi abordada esta questão, ficando aqui recomendada a sua leitura, nesta altura do presente texto.

A inexistência de um método satisfatório, ainda, não invalida a existência do que se propõe estudar. A crença na existência do objeto de estudo, então, fica relegada ao terreno da fé, cega, pois o desconhecimento de meios de comprovação impede, até que se prove o contrário, a validação comprovada.

Relembra-se agora que desde os seus primórdios, diversos cientistas céticos, tais como Richet e Crookes, objetivavam desacreditar o Espiritismo, porém os próprios Métodos Científicos que utilizaram, permitiram o oposto, validando o conteúdo doutrinário pelos achados experimentais, em geral pela comunicação entre os dois planos.

Ficamos então com a máxima, o que um dia foi religião, torna-se ficção para um dia ser comprovado pela ciência, onde o pensamento humano evoluir em seu conhecimento a par e passo não só de sua evolução científica, mas moral.

A evolução se faz pelo perfil psicológico que purificado, leva a uma conduta ética maior, dentro de uma filosofia baseada na ética, o que permite atingir níveis científicos superiores, não por meta, mas consequência da própria evolução em si.

Entende-se que a evolução da espécie, - não só pela abordagem materialista, como quis Charles Darwin, mas também com a variável moral, espiritual, segundo Alfred Russel Wallace, - permite resolver a questão da fé ao fato.

Da fé, evolui-se para ficção e desta, para a ciência.

“Nascer, morrer, renascer ainda e evoluir sempre, tal é a lei”. – Allan Kardec.





## 02. O Arquétipo Espírita

Arquétipo é um conceito que representa o primeiro modelo de algo, protótipo, ou antigas impressões sobre algo.

Na Filosofia, o termo *archetypos* é usado por filósofos neoplatônicos, como Plotino, que segundo a concepção de Platão, designa as idéias como modelos originários de todas as coisas existentes.

Ele é recorrente também entre médio platônicos, como nas cartas de Cícero e em Plutarco.

Na Filosofia Teísta (crença em Deus) e vertentes, através da confluência entre neoplatonismo (Platonismo Cristão) e o Cristianismo (aspectos espirituais e cosmológicos platônicos) o termo indica ideias da mente de um Deus.

Difundido por Santo Agostinho, provavelmente devido à influência dos escritos do filósofo neoplatônico Porfírio de Tiro, discípulo de Plotino.

Na Psicologia Analítica, é um conceito criado pelo suíço Jung para se referir a conjuntos de imagens Psicóides Primordiais que dão sentido aos complexos mentais e às histórias passadas entre gerações, formando o conhecimento e o imaginário do Inconsciente Coletivo; agem como estruturas

inatas, imateriais, com que os fenômenos psíquicos tendem a se moldar, e servem de matriz para a expressão e desenvolvimento da psique. Também é associado a experiências universais, como nascimento e morte.

Jung ainda cita precedentes do uso do termo “Arquétipo” nas obras de outros autores tais como Plontino, Fílon, Ireneu, Dionísio Areopagita, bem como no *Corpus Hermeticum*.

Desde a Antiguidade, a incompreensão de fenômenos naturais, no Planta Terra, levou aos primeiros humanos atribuírem deidade aos fenômenos da natureza, tais como deuses de trovões, chuvas etc. Daí evoluiu para atribuir a deuses de situações, tais como fertilidade, colheitas, paz, guerra.

Com o antropomorfismo, deu-se a aparência e representação humanoide ou animalesca, ou até mista (deuses humano-animais, como nos egípcios), gerando o politeísmo. Para maiores detalhes, consultar o vocábulo *Deus*.

Com a evolução da humanidade, bem como de seu nível espiritual, tanto as Ciências também progrediram, mas o conhecimento filosófico e psicológico progrediram a um nível de compreensão ao qual a dicotomia se resume ao ateísmo x teísmo, onde apenas os demais aparentes “deuses”, sejam

eles santos, anjos ou outras entidades, tornaram-se adjuntos, auxiliares, nesta hierarquia metafísica.

A análise da necessidade de um Deus decorre, para os ateus, do medo da morte (tanatofobia), decorrente justamente da maior evolução da espécie, com a consciência da finitude existencial material. E, ao lado disso, da necessidade sublimada de um apoio paternalista para as situações de tensão (“*stress*”) do cotidiano. Em última análise, também a fuga da realidade, em uma edificação mental e/ou factual de um mundo melhor, como se observa em mosteiros e afins.

Porém, como veremos adiante, existe uma consciência atávica, que nos traz inato o sentido ou consciência, como Jung coloca no Inconsciente Coletivo, em direção da noção lógica da existência de Deus.

Trazer o conceito do Espiritismo Científico responde à questão deste paradigma, pois como já foi demonstrado.

A entidade que chamavam de Deus não é, como concordam as teorias filosófica acima citada, de uma natureza antropomórfica e muito menos com gênero, mas sim a Energia Inteligente Suprema, criadora e mantenedora.

Portanto, definido o Arquétipo Espírita como a Doutrina baseada na Filosofia em que o pensamento é uma energia perene, com consciência e singularidade, chamada pelo termo “espírito”, decorrente da Energia Inteligente Suprema, de natureza amórfica e agênera, criadora e regente, convencionada pelo nome “Deus”.

Pela conectividade plena da coletividade energética, o Espiritismo Científico corrobora o Arquétipo Espírita, explicando a onipresença, onipotência e onisciência, dentro de uma infinita rede, que não se restringe a apenas um universo, mas está no multiverso e em todas dimensões, pois seu ponto central se encontra na décima dimensão ou além.

Dentro deste conceito, ficou definido que a própria carga genética traz em si a memória além da existência única, mas múltipla, sucessiva, carregando o conceito inato ou atávico de Deus.

Deste conceito inato de Deus tem-se a energia livre (espírito) ou encarnada (alma) em um processo evolucionista constante, cujo Arquétipo está representado na própria deidade em si, a Energia Inteligente Suprema, da qual somos originados e para ela caminhamos.

Portanto, é um modelo filosófico arquetipal que por sua ciência possibilita uma abordagem religiosa.

### **03. O Método Filosófico Espírita**

Todo pensamento filosófico depende de uma estrutura psicológica e o grande erro do materialismo filosófico é o pensamento estar entregue apenas ao sabor da existência ao acaso e sem uma possibilidade de ser capaz de modular o comportamento além daquele delimitado na matéria.

O Fatalismo determinista não é uma doutrina filosófica, mas a negação da capacidade do ser humano de superar a sua própria limitação, seja qual for.

O Racionalismo Concretista, onde qualquer possibilidade metafísica é uma representação da limitação, temporalmente localizada, de ainda ter a incapacidade para a percepção do que os métodos científicos ainda não se desenvolveram o bastante para a comprovação acadêmica convencional.

Como já vimos e tratamos anteriormente, a incapacidade de perceber e/ou a negação de uma existência não impede e nem invalida a existência em si do que ainda é desconhecido.

Enquanto encarnados, vivemos acorrentados em uma matriz igualmente material. Despertar para além requer o desapego ao que só na matéria existe,

em geral fama, fortuna, bens, posição seja esta social, política ou acadêmica.

Tudo depende de nossos pensamentos e da forma como ponderamos a realidade. O copo pode estar meio cheio ou meio vazio, depende de como se olhe. É um clichê, mas é a realidade.

Sintonizarmos positivamente retira forças de onde achávamos nem mesmo existir.

A resiliência depende da fé, inicialmente em nós mesmos, no que somos, de fato, não apenas um amontoado de átomos e moléculas.

O Método Filosófico Espírita é cartesiano, mas só a partir da libertação da premissa que nega a transcendência em si mesma, por não reconhecer a prisão de uma só existência e a existência só ser em um plano.

Se a vida não se restringe à vida material, bem como a vida etérea sendo verdadeira, logo tantas outras vidas existiram, existem ou existirão.

A lógica mundana refuta este pensamento, ao considerar inverídica a vida etérea, porém assim como a refuta, bem como as provas já apresentadas pelos médiuns, por outro lado também não faz a demonstração em contrário, provando que não existe a vida etérea.

E, na prática, aplica-se pelo estudo das relações dos membros da espécie, dentro de conceitos da Ética, com fundamentação na Ação e Reação, Causa e Efeito, que determinam o padrão de vibração e perfil da coletividade.

Esta coletividade, portanto, está definida através das características individuais e no somatório de seus membros até o todo.

Conforme o pensamento cartesiano, o método inclui:

- *Verificar se existem evidências reais e indubitáveis acerca do fenômeno ou coisa estudada;*
- *Analisar, ou seja, dividir ao máximo as coisas, em suas unidades mais simples e estudar essas coisas mais simples;*
- *Sintetizar, ou seja, agrupar novamente as unidades estudadas em um todo verdadeiro;*
- *Enumerar todas as conclusões e princípios utilizados, a fim de manter a ordem do pensamento.*

Quando Allan Kardec fez a Codificação da Doutrina, como excelente pedagogo que antes já era, ele adotou esta metodologia em seus estudos.

Foi assim, justamente usando o Método Ceticista, que pôde validar toda a veracidade da obra.

Como bem colocou Campos Neto, no Resumo de seu Artigo (*Revista da Faculdade de Direito da USP, 102: 617-68, 2007*), que transcrevemos:

*“A Filosofia Espírita é a Episteme, a Ciência Metodológica, isto é, o caminho que envolve a razão e a fé em entrelaçamento de idéias claras e distintas, nos mesmos moldes de René Descartes, em que a verdade emerge na expressão legítima da sua essencialidade transparente (o chamado “manto diáfano”), sem fantasia, porém da mais pura e verdadeira realidade. A Filosofia Espírita tem, ainda, estreitas ligações com a tradição filosófica do Realismo Metafísico que parte de Parmênides, tomando o Ser, com o qual identifica o Espírito junto às suas respectivas qualidades; todavia, cada Ser ou Espírito com sua unicidade, eternidade, infinitude e imutabilidade na intimidade da própria essência criada. O Direito Natural e o Direito Justo complementam este trabalho, uma vez implícitos à essência da Filosofia e seus temas.”*

Finalizando este capítulo, chamamos a atenção de que esta presente obra é apenas uma introdução ao estudo do Espiritismo Filosófico, no intuito de torná-lo mais acessível ao público em geral.

Fica recomendado, portanto, para a mais aprofundada abordagem do tema em apreço, o livro *Cadernos Doutrinários, Volume 2, Filosofia Espírita*, de Jorge de Pedreira Cerqueira, pela Federação Espírita Brasileira.



## 04. O Racionalismo Espírita

Define-se Racionalismo sendo a corrente filosófica caracterizada pela aceitação de ao menos uma entre três teses:

- a razão e a intuição devem ter privilégio sobre a sensação e a experiência na obtenção do conhecimento;
- toda ou a maior parte das ideias é inata ao invés de adquirida no decorrer da vida;
- a certeza do conhecimento deve ser privilegiada sobre a mera probabilidade dele em investigações filosóficas.

O Racionalismo afirma que tudo o que existe tem uma causa inteligível, mesmo que essa causa não possa ser demonstrada empiricamente, tal como a causa da origem do Universo.

Privilegia a razão em detrimento da experiência do mundo sensível como via de acesso ao conhecimento.

O pensamento predomina sobre o experimental, o que permite considerar as limitações dos métodos de experiência, os quais ainda podem inexistir ou serem insuficientes.

Recai no já considerado conceito de que a ainda não existência de um método científico capaz da demonstração material, não invalida a possibilidade da existência do conceito.

O que significa dizer, no caso do Espiritismo, a inexistência de um método que mostre os espíritos, não os impede e não invalida a existência dos mesmos, por exemplo.

O Racionalismo considera a dedução como o método superior de investigação filosófica. O que está de acordo pleno com a Lei de Causa e Efeito.

Os principais filósofos do Racionalismo foram Descartes, Espinoza e Leibniz, que introduziram o Racionalismo na Filosofia Moderna.

Hegel, por sua vez, identifica o racional com o real, supondo a total compreensão (inteligibilidade) deste último (real). Ou seja, Hegel considera ser possível a plena compreensão da realidade.

O Racionalismo é baseado nos princípios da busca da certeza, através da demonstração e análise, sustentados, segundo Kant, pelo conhecimento *a priori*. Ou seja, o conhecimento que não é inato nem decorre da experiência sensível, mas é produzido somente pela razão.

Quanto a isto, Aristóteles já afirmava que “nada existe no intelecto, a menos que preexista nos sentidos”. Ao que Kant adicionou “exceto o próprio intelecto”, concordante com Leibniz.

Então, Kant ao rever o conceito de Aristóteles, soma ao pensamento a realidade de que o intelecto independe dos sentidos, na sua existência por si só.

A existência, pelo pensamento, segue adiante, no seu estudo de Natureza e Filosofia, pela corrente que nasceu no Século XX, o Existencialismo, tendo em Marcel e, depois Sartre, os seus criadores. Porém Sócrates já há muito dissera que “penso, logo existo”.

No entanto, neste aspecto, ainda podemos comentar a dicotomia de conteúdo deste pensamento, onde tanto podemos ter uma vertente dita otimista e outra, altamente pessimista, tendo esta última representantes tais como Camus e Rosset.

Um dos problemas que se encontra no Racionalismo frente ao Existencialismo, principalmente Pessimista, é a negação do dual maniqueísta, onde o pior, vetor negativo, prioriza o pensamento, dentro de um conceito em que está de acordo, inclusive, ao que antes Nietzsche já considerava, na estrutura do absurdo da própria existência em si.

Para Nietzsche, por exemplo, o ser humano seria “*a corda estendida entre o animal e o supra-humano, pairando sobre o abismo*”. Outra máxima deste mesmo autor, a clássica frase de que “*quanto mais se olha para o abismo, maior a possibilidade dele nos olhar de volta*”.

O possível grande erro de um pensamento otimista ou pessimista é a contaminação do pensamento pela predeterminação, onde o Destino (Sina) pode entrar em jogo, com potencial negação do Livre Arbítrio, como vemos em Schopenhauer, bem pessimista.

Em termos de Razão e sua expressão, dentro da Lógica, não há sentido em um pensamento ser fadado a uma resultante, onde não houver um vetor inverso de resposta ao que se exerce, contra inclusive a Terceira Lei de Newton, extrapolada no significado de Causa e Efeito.

Ou seja, condena e aprisiona o pensamento e a pessoa dentro de uma reta sem volta ou reconstrução, inexistindo qualquer outra possibilidade de reconsideração, tais como até impediria o reconhecimento, o arrependimento e o reparo.

Enquanto a Ação e Reação, de Newton, são imediatas e simultâneas, a Causa e Efeito são lineares, não concomitantes, ainda que impostas.

Conclui-se que o Racionalismo Espírita é socrático e cartesiano, seguindo uma dinâmica aristotélica, revista por Locke, Leibniz e Kant, com respeito ao dual e consecutivo, existencialista.

## 05. A Ética Espírita

A Ética é uma área da Filosofia que busca questionar e analisar as questões relativas aos costumes e à moral de uma sociedade, sem recorrer ao senso comum.

O senso comum nunca retrata a Ética, pois em uma sociedade heterogênea, pode haver, em determinado grupo, uma maioria de conduta francamente antiética, antissocial, até perversa. Exemplos não nos faltam na História.

A Ética tenta estabelecer, de maneira moderada e com uma visão questionadora, o que é o certo e o errado e a linha, muitas vezes tênue, entre o bem e o mal.

A função da Ética é investigar e explicar o comportamento das pessoas ao longo de sua existência, visando a fixação de comportamentos básicos, para diminuir o nível de conflitos morais dentro dos diversos setores da sociedade.

O significado da Ética Social é um conjunto de regras ou diretrizes, baseadas em torno de escolhas e valores éticos, aos quais a sociedade adere. Muitas dessas regras geralmente não são ditas e, em vez disso, devem ser seguidas.

Conforme consta na própria Codificação, a Ética Espírita prevê:

- 1. O bem é tudo que é conforme à lei de Deus, e o mal é tudo o que dela se afasta. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a lei de Deus, fazer o mal é infringir essa lei.*
- 2. É uma ética de felicidade, como a espírita, propõe que os fatos da vida devem ser elaborados internamente, visando introjetar e crescer. Ao aprender a fazer isso, o homem adquire a competência fundamental para a evolução: ser feliz. É por isso que a ética espírita é a ética da felicidade.*
- 3. A moral é a regra de boa conduta e portanto da distinção entre o bem e o mal. É fundamentada sobre a observação da Lei de Deus. O ser humano se conduz bem quando faz tudo visando o bem e para o bem de todos, porque então observa a Lei de Deus.*
- 4. Mesmo que fosse ateu, o bem existe e sua prática é compulsória, de onde vem as Legislações terrenas, Constituições, Códigos Cíveis e Penais, todos baseados nos mesmos princípios de moralidade, dependentes e determinantes do perfil da própria sociedade em si considerada.*

5. *O ser é naturalmente bom, tentado pelo mal, iniciando a sua jornada existencial pelo absoluto desconhecimento, que pela Evolução vai se aprimorando.*
6. *A Evolução individual gera o padrão ético, pela moralidade, bem como a progressiva purificação de cada ser humano, em direção à Fraternidade Absoluta.*
7. *A Fraternidade Absoluta, ou Perfeição Ética, está exemplificada ao máximo por Jesus, com correspondência em outros assim chamados Avatares, - Profetas ou Seres Iluminados, - em outras religiões, porém todas com análoga presença em seus fundamentos.*
8. *Esse processo de aprimoramento ético e de moralidade caminha pela estrada de diversas encarnações, aprendendo nos dois planos da existência, - encarnado e espírito livre, - o que exige um processo contínuo e interrompido de Reforma Íntima.*
9. *Para esta evolução se fazer, torna-se necessário um terreno fértil, no qual a semente possa crescer. Ou seja, o reconhecimento de si, de seu pensamento e suas consequências, bem como pelos atos decorrentes. Em suma, Lei de Causa e Efeito.*

10. *O comportamento Ético Espírita não consiste apenas em fazer o bem aos outros, mas em fazer de si mesmo o exemplo, uma vida de trabalho espiritual, mental e comportamental, que se expanda e se eleve na hierarquia da justiça social.*
  
11. *É necessário, principalmente, que aprimore o próprio conceito de moralidade, pois é este o que remodela o Espírito, em uma dada frequência vibratória, elevando progressivamente nos níveis em direção às esferas superiores.*
  
12. *Como se depreende dos itens anteriores, a Psicósfera resultante denota a Ética de um povo, através do somatório de cada um, com a resultante final sendo a expressão do padrão vibratório, moral, evolucionário, predominante. E isto definirá, sempre baseado nos conceitos de Fraternidade e Caridade, o nível evolutivo não só de um conjunto, mas de todo um planeta em si.*

Recomenda-se, para a melhor compreensão do tema, aprofundar os estudos, a leitura não só dos livros da Codificação, especificamente *O Livro dos Espíritos* e *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Também fica como referência a *página de Sérgio Biagi Gregório*.



## **06. Simpatia, Empatia e Antipatia**

Em geral temos uma primeira sensação boa ou ruim de algo ou alguém.

Isso varia independente do que já se saiba por terceiros, um preconceito estabelecido, a opinião que outros já nos deram sobre algo ou alguém que ainda não conhecemos, mas influencia ao conhecer.

Então, toda uma carga de energia está envolvida nesta interação.

Essa energia vem de nós mesmos e das coisas e pessoas, interagindo, daí a atração ou a repulsão.

Além do que a Psicologia explica como sendo dedução, percepção de mímica facial, gestos, modo e conteúdo de como fala.

Somos centrais de energia. Nosso sistema nervoso, cérebro, medula etc, comunica suas partes entre si com energia, eletricidade biológica. Isso leva a uma emissão de energia, no todo. E as glândulas que temos também participam, alterando a temperatura corporal. Ou seja, mais energia em jogo, que emitimos e podemos captar.

Como bem sabemos pelas Obras de Kardec, principalmente o Livro dos Espíritos e pelo

Evangelho Segundo o Espiritismo, as interações entre vivos (almas, espíritos encarnados) e mortos (espíritos desencarnados, livres) envolve interação de energia.

Nos estudos científicos já foi comprovada esta emissão de energia corporal ou não, como fruto perispiritual, ou manifestação da energia livre, tais como métodos tais como detecção de energia eletromagnética, de luz infravermelha, fotos pelo Efeito Kirlian, termografia (detecção de emissão de calor).

Assim sendo, também sabemos que as vibrações destas energias se fazem em níveis de evolução e em padrões de emissão. Podemos ter menos ou mais apurada, purificada emissão de energia e sua decorrente captação, de acordo com o pensamento, o qual está subordinado e definido pela evolução moral, que define o próprio nível de evolução espiritual.

A simpatia a antipatia, portanto, guarda em seu conceito a interação de energia entre as pessoas e até objetos que pelas pessoas se tornam, por assim dizer, “carregados” de suas energias.

A empatia não é só simpatizar com alguém, é muito mais do que entender, é se por no lugar de alguém e sentir a fraternidade verdadeira.

O desejado grau de empatia deriva de uma proporcionalidade, de uma relação na qual a simpatia tende ao infinito e a antipatia tende a zero.

Existe um ditado popular que diz “que a primeira impressão é a que fica”. Em geral, isto está certo, feliz ou infelizmente, pois retrata este, digamos, “primeiro contato” entre os espíritos, encarnados ou não, bem como evoca até sensações não lembradas (quando encarnados, esquecemos encarnações anteriores).

Frequentemente a empatia se observa entre pessoas em vibrações de relação fraternal sadia, trazendo em si o apoio e complementação para a missão ou resgate desta existência, em função de tantas outras.

Por outro lado, a antipatia se expressa pelo oposto, podendo até trazer em si a carga energética de obsessões, ainda a serem resolvidas.

Lembra-se que nada é ao acaso e por isso mesmo, não é à toa que temos empatia ou antipatia. Temos que não só analisar a outra parte, mas a nós mesmos, principalmente.

Afinal, se todo mal que nos vem, a culpa é nossa, por permitirmos fazerem ou diretamente causarmos, em respeito à Lei de Causa e Efeito, isto se reflete e expande para com todos e vice-versa.

A Psicofera, portanto, começa em cada indivíduo, espírito encarnado ou não, pela carga de energia pelos demais, cada um e o todo, - simpatia, empatia ou antipatia.

E, ao somarmos esta aura de energia de cada um, teremos uma resultante cumulativa, do único ao global, definindo a carga desta população, em grupos crescentes, qual uma espiral. A isto se chama evolução espiritual, com a definição da posição que se coloca dentro dela.

Conclui-se que quanto mais aprendemos, mais devemos vigiar nossos pensamentos e o que fazemos aos demais, pois se todos fizermos isto, a reciprocidade nos permitirá uma melhor empatia entre todos.

A empatia está de acordo com a Doutrina, sempre evoluindo em direção da meta definida pelo Grande Irmão, Jesus, a Fraternidade Absoluta.

## **07. O Evolucionismo Espiritualista**

Alfred Russel Wallace nasceu em 08/01/1823, no vilarejo de Llandoc, próximo à Usk, Monmouthshire, País de Gales, Reino Unido.

Grande cientista britânico, detentor do título de Honra ao Mérito pela Coroa Britânica, bem como membro da Real Society, dos ilustres pesquisadores. Portanto, recebeu o título de Sir, Cavalheiro da Corte Britânica.

Wallace foi naturalista, evolucionista, geógrafo e antropólogo. Foi o cofundador da Teoria da Seleção Natural. Converteu-se ao Espiritualismo em 1865.

Contemporâneo e amigo de Charles Darwin, bem como de outros grandes nomes não só do meio científico, mas também do nascente Espiritualismo, o qual lhe causou influência. Notar que se tornou espiritualista, sem o conceito de reencarnação, conceito permanente e predominante até hoje nos países anglo-saxões.

Se houve um cientista que nunca recebeu sua fatia justa da glória, esse foi Alfred Russel Wallace.

Apesar de ter sido também fundador da Teoria da Seleção Natural, assim como Charles Darwin, Wallace teve uma vida muito diferente, esquecido na

literatura futura, dada a sua abordagem humanista e espiritual, que desagradou aos senhores do academicismo tradicional, materialista e conservador, em uma realidade dominada pelas Igrejas Católica e Anglicana.

É indubitável que o “ostracismo” imposto a Wallace se tornou injusto e preconceituoso em sua essência. Recentemente houve a apresentação, durante o XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XII ENPEC Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN – 25 a 28 de junho de 2019, o artigo de Sales e Oliveira, - “Alfred Russel Wallace nos livros didáticos de Biologia do ensino médio aprovados no PNLD-2015”, - onde chamaram atenção para esta grave omissão nos livros didáticos de Biologia.

Em 1848, Wallace percorreu a Bacia Amazônica e, quando voltou, também escreveu um livro no qual descrevia sua viagem, apesar de um incêndio no navio ter destruído parcialmente as suas anotações.

Em 1854 zarpar para a Península Malaia e as Ilhas das Índias Orientais onde reuniu uma coleção de cerca de 125.000 espécies. Coletar tantos espécimes de tantas localidades deu a Wallace razão para ponderar as diferenças entre as espécies e finalmente publicar um manuscrito, *On the Tendency of Varieties to Depart Indefinitely from the Original Type*. Com esse estudo estabeleceu a sua

própria Teoria da Evolução, que encaminhou para ser analisada pelo seu colega e antigo amigo, Charles Darwin.

Na verdade, Wallace desconhecia a pesquisa evolucionista que também era conduzida, há décadas, pelo próprio Darwin, que a mantinha em segredo, para não perder a originalidade. Ao receber o trabalho de Wallace, que a fez em muito menor espaço de tempo e com tamanha qualidade, Darwin ficou deveras preocupado.

Ético e justo, Darwin não o sufocou, tendo ambos apresentado simultaneamente os seus trabalhos à *Linnean Society of London*, evitando ambos perderem a originalidade.

Ambos, Darwin e Wallace, estão ligados ao berço da Ecologia. Wallace foi o primeiro a propor a distribuição geográfica das espécies animais e, como tal, é considerado um dos precursores da Ecologia e é considerado como o "Pai da Biogeografia".

Wallace viajou muito durante sua vida profissional, não só estudando a natureza, mas demonstrou ter sido um grande humanista e também atento às questões filosóficas, existenciais, o que lhe distanciou do materialismo científico.

Esta abordagem filosófica da evolução acabou causando uma dicotomia do binômio científico que

estabeleceira com Darwin. Ao se interessar pelas origens das espécies, matéria que consagrou Darwin, por sua vez Wallace não ficou tão conhecido nesta área, - apesar de ter iniciado a pesquisa antes de Darwin, - justamente por ter incorporado conceitos abstratos e metafísicos em seus estudos. Isto lhe custou a execução das autoridades acadêmicas.

Ao estudar o mesmerismo, o magnetismo animal, dele discordou, aceitando o princípio imortal da consciência, negando o atavismo e o acaso. Na verdade, ele não acreditou que bastaria a estrutura biológica do ser para o determinismo de sua condição.

Em 1864, antes de Darwin publicar "*A Origem das Espécies*", Wallace publicou o "*A Origem das Raças Humanas e a Antiguidade do Homem Deduzidos da Teoria de 'Seleção Natural'*", aplicando a teoria à Humanidade.

Em seguida, Wallace se tornou grande estudioso do Espiritualismo.

Mais tarde, argumentou que a seleção natural não poderia justificar o gênio matemático, artístico ou musical, nem contemplações metafísicas, a razão ou o humor, e que algo no "*invisível universo do Espírito*" tinha intercedido pelo menos três vezes na História.



Em 1865 Wallace investigou os fenômenos das mesas girantes (tiptologia), ainda Também investigou os médiuns Marshall e Cuppy, dentre outros.

Com tais estudos afirmou que as comunicações com os Espíritos "estavam inteiramente comprovadas pela Ciência, tão bem, como quaisquer fatos, provados por outras ciências."

Ao contrário de alguns de seus contemporâneos na comunidade científica britânica, como Darwin e Charles Lyell, ele não tinha riqueza familiar para recorrer e não conseguiu encontrar uma posição remunerada de longo prazo, não recebendo renda regular.

Wallace teve dificuldades financeiras durante grande parte de sua vida. Suas viagens à Amazônia e ao Extremo Oriente foram apoiadas pela venda de espécimes que ele coletou.

E, depois de perder a maior parte do dinheiro considerável que ganhou com essas vendas, os investimentos ruins em minas de carvão e ferrovias custaram seus recursos, quase perdendo tudo.

Para sobreviver, tornou-se editor de periódicos científicos e Darwin lhe socorreu, em 1881 tendo conseguido uma pensão do governo para Wallace.

Com a sua recuperação da estabilização financeira pôde aprofundar seus estudos espiritualistas e também marcou seu engajamento político, basicamente socialista, com grande participação em obras sociais e defesa de causas humanitárias.

Destaca-se principalmente ter sido defensor do meio-ambiente, lutando pela preservação, como se tornou famoso contra a destruição das florestas de sequoias californianas.

Wallace foi um dos fundadores, em 1864, da Sociedade Dialética de Londres, dedicada ao estudo dos fenômenos espíritos.

O rigor científico de seus relatórios, incentivaram Crookes para investigar estes fenômenos.

Wallace realizou sessões com alguns médiuns, dentre eles, Slade, o qual testemunhou o fenômeno da escrita direta sobre lousas.

Wallace era um entusiasta de frenologia. No início de sua carreira ele fez vários experimentos com o mesmerismo.

Quando ele começou seus experimentos com magnetismo animal, o tema já era experimentado pelos magnetizadores de primeira hora, como John Elliotson que havia recebido críticas até seu estabelecimento médico e científico.

Wallace desenhou uma conexão entre suas experiências com magnetismo e suas investigações posteriores em espiritismo.

Alfred Russel Wallace enfrentou a intolerância de uma época, intolerância contra sua origem social, contra sua religião e mesmo contra a sua honestidade científica.

Publicou, dentre muitas obras técnicas, três de específica importância para o Espiritismo: "*Existe uma outra vida*" (1882), "*Defesa do Espiritualismo Moderno*" (1887) e "*Os Milagres e o Espiritualismo Moderno*" (1891).

Em 07/11/1913, aos 90 anos, Wallace desencarnou em sua casa de campo, em Broadstone, Inglaterra. Sua morte foi amplamente divulgada na imprensa.

O New York Times o chamou de "o último dos gigantes pertencentes a esse maravilhoso grupo de intelectuais que incluía, entre outros, Darwin, Huxley, Spencer, Lyell e Owen, cujas investigações ousadas revolucionaram e evoluíram o pensamento do século".

Alguns amigos de Wallace sugeriram que ele fosse enterrado na Abadia de Westminster, mas sua esposa seguiu seus desejos e o enterrou no pequeno cemitério de Broadstone, Dorset.



## **08. A Interação Filosófica-Científica**

Como já vimos anteriormente e está bem definido desde os primórdios da Codificação a Tríplice Natureza da Doutrina (Religião, Filosofia e Ciência), entende-se que é meramente didática esta separação, artificial que se faz na prática.

É impossível dissociar separadamente estas três características, exceto para a abordagem em texto de estudos.

Enquanto como parte do todo da Doutrina, elas se inter-relacionam de forma imbricada.

Esta relação recíproca se faz a ponto de uma depender da outra, sem o que nenhuma delas existiria isoladamente, caso contrário a própria Doutrina perderia sua definição e existência.

O que justamente define o Espiritismo como Religião é porque está calcado em uma Filosofia metafísica, onde se considera a premissa de um Deus, monoteísta e continuísta da obra já conhecida, a Bíblia, pelo Antigo Testamento somado ao Novo. De onde se define como a Terceira Revelação, o Evangelho Redivivo.

Como vimos nos capítulos anteriores, a Filosofia Espírita está calcada em uma Ética Humanista, basicamente no *Binômio Fraternidade-Caridade*.

E, então, qual a origem deste binômio? Jesus. Pois enquanto portador da Palavra, enquanto Profeta e Pensador, a sua principal idéia transmitida foi a Fraternidade Absoluta como meta da natureza humana, na prática da Caridade Plena.

Se nos abstrairmos da fé cristã, veremos que todas outras religiões também tem o mesmo conceito, sem o qual não é possível a Evolução Espiritual, também já abordada ao se tratar de Alfred Russel Wallace.

A Filosofia é a extensão da Psicologia. Enquanto a Psicologia estuda o pensamento humano, a Filosofia trata deste pensamento em termos existenciais e interativos, entre os membro da mesma espécie, humana.

E a Psicologia, por sua vez, está localizada no pensamento, que transita na energia que define o padrão mental de acordo com o perfil cerebral (encarnado) ou vibratório (espírito livre). Esta vibração varia de acordo com o estado do ser senciente.

Enquanto material, pelas vias neurais do cérebro humano.

Enquanto imaterial, espírito livre, pelo padrão de vibração da energia do ser, pela pureza de sua energia, retrato de sua purificação evolutiva.

Ora, se a energia se conserva, então o que se acumula ou modifica, tanto no plano material ou etéreo (desencarnado) é também conservado e modificado, de acordo com a Lei de Causa e Efeito.

Justamente porque esta série de obras tem por meta facilitar o leigo ao acesso do tão complicado e técnico Espiritismo Científico, para atrair à sua leitura e ao seu estudo, não se entrará no mérito das análises e conceitos de Bioquímica e Biofísica, tanto dos processos encarnados e ou (etéreos).

Ficam, entretanto, sugeridas as leituras dos outros volumes. “*Espiritismo Científico – Conceitos Gerais*” e “*Relatividade Transcendente*”, além dos vários capítulos de “*Artigos Seleccionados*”, da mesma autoria da presente obra.

A Interação Filosófica-Científica se faz pela interseção entre a o Efeito da Ética causar uma Evolução Espiritual com modificação e aprimoramento da Constituição Energética, onde se nota a ascensão do ser em formas mais evoluídas de existência em ambos os planos, de forma recíproca também observada.

Ou seja, quanto maior a evolução psicológica, maior a capacitação filosófica, em o incremento da ética, com uma resultante que modula e aprimora a própria estrutura física e/ou energética, derivando, pelo mérito a um retorno com decorrente aprimoramento da estrutura, seja ela encarnada ou não.

Assim, conforme evoluir em uma consciência filosófica que permite a reforma interior para um padrão aprimorado, este aprimoramento se retratará, por consequência, na estrutura em si da energia senciente, a pessoa, seja em qual plano esteja.

E, ao retornar à matéria, conforme melhor equipado de um conteúdo espiritual mais evoluído, o seu corpo encarnado também irá ascendendo como consequência.

Este processo levará a um seguinte maior e progressivo aprimoramento tanto mental quanto comportamental, cuja expressão será estar um corpo também mais equipado para prosseguir nesta mesma escala evolutiva.

Deduz-se, portanto, que é um círculo, mas não vicioso, mas uma espiral ascendente, onde expande o raio da compreensão, conforme maior a maior evolução espiritual, qual na Sequência de Fibonacci.



Portanto, a Evolução Espírita assume um perfil exponencial e logarítmico, de acordo com a Lei de Causa e Efeito, sendo a variável multiplicadora a capacitação de aprimoramento, expressão da Reforma Íntima de cada um, com a sua purificação psicológica, por conseqüente, espiritual.

Esta purificação espiritual definirá as suas ações, com uma fundamental dependência ao que se faz do Livre Arbítrio a cada ínfima derivada de todo conjunto, somatório de suas ações, em ambos os planos, físico e espiritual.

O caráter científico desta filosofia se retrata justamente pelo efeito que se depreende da manifestação do pensamento humano, determinista das variações de atitudes e posturas, em relação a si próprio e ao semelhantes.

Assim sendo, adoece espiritualmente os que se maculam na má prática, atrasando sua evolução e arcando com decorrentes estruturas imperfeitas e com efeito deletério potencial sobre os demais.

Da mesma forma, o inverso é verdadeiro, com o bem, em espiral exocêntrica crescente, disseminando o próprio bem em si.

Isto explica muitos males mentais e físicos já relatados na vasta literatura, quando na matéria pensamentos doentios geram estados mórbidos

orgânicos em si e age nocivamente sobre os demais. Bem como está contido, tal processo, nos bem conhecidos mecanismos de obsessões.

Enfim, toda Filosofia tem uma expressão na Ciência, para que a fundamente pelo pensamento que causa a busca do caminho que leve aos resultados.

E toda Ciência precisa de uma Doutrina, para que a busca de resultados tenha um Método eficaz, ético e idôneo.

No caso do Espiritismo, os resultados são a evolução do espírito e a ascensão aos planos superiores.

E, se olharmos para os mundos, todos tem isto retratado na evolução dos próprios planetas em si, de seus habitantes, até em todas as espécies, aliás.

A Filosofia e a Ciência são causas e efeitos recíprocos, não nos mesmos planos, mas de forma progressiva, evolutiva.

Todo avanço material, científico, depende de uma prévia evolução espiritual, filosófica.

Para a mente se abrir, ela deve transcender a matéria, o que somente é possível pelo desapego ao material, mas pelo compromisso para com o divino, sediado na Fraternidade e na Caridade.

## 09. A Fé e O Conhecimento

Classicamente consideramos como fé acreditar em algo sem a comprovação científica do fato, da idéia, do fenômeno.

O termo “fé” se aplica basicamente aos conceitos religiosos, desde os primórdios dos tempos, da humanidade como a conhecemos, enquanto seres conscientes de si, da vida, da morte, os ditos seres sencientes.

Considera-se como fé todos os conceitos que envolvem a existência não material da inteligência e individualidade, tanto de deuses, santos e outros planos de existência, bem como os milagres, fenômenos com efeitos materiais atribuídos à ação de forças não comprovadas pelas Ciências Física, Química e Biológica.

Diz-se que a fé é cega porque implica justamente em crer sem comprovação científica, carecendo deste endosso do experimentalismo que autentique a existência ou o fenômeno não detectado pelos métodos conhecidos, destas Ciências.

Todas as demais áreas de estudo e profissões apesar de chamadas de ciências, na verdade não as são, por não disporem de Leis, não as leis de direito e de regência, mas de princípios científicos, tais como a

Física tem as Leis de Newton, a Química tem as de Termodinâmica e a Biologia tem as Leis de Hereditariedade Genética.

Todas estas outras na verdade se baseiam nas Leis destas três verdadeiras Ciências.

No entanto estas Ciências não são estáticas, muito pelo contrário. Elas surgiram da pesquisa, da curiosidade humana, com busca do Conhecimento, realizando experimentos que comprovaram idéias que se tornaram as suas próprias Leis.

Antes de Isaac Newtons não tínhamos a Física Clássica e antes de Albert Einstein não tínhamos a Física Moderna, por exemplo.

À esta altura da narrativa já se pode entender que o desconhecimento não impede a existência, por falta de meios de se comprovar. A falta de um método que se aplique ao estudo não invalida uma hipótese, apenas impede que se torne um conceito estabelecido, dentro das Leis das Ciências materialistas.

Porém, conforme os séculos foram se passando e os métodos se aprimorando, mais e mais o que era apenas suposição foi se tornando fato comprovado, principalmente no estudo da Mecânica Quântica e no estudo dos átomos e suas subpartículas.

Vale lembrar que no período da Idade Média houve um gravíssimo retrocesso científico, onde os seres humanos deturparam a religião a favor do poder socioeconômicos, criando a ditadura da Igreja, quando foram execrados os conhecimentos da Antiguidade e supliciados nas Inquisições os cientistas, rotulados de bruxaria, satanismo, paganismo, todas forma classificadas como heresias. E isto não se desfez de forma branda, pelo contrário, como da História bem sabemos.

Existe uma enorme diferença entre os dogmas e a leis científicas. Os dogmas não só impões a fé de forma cega, não investigativa, como proibem a busca da compreensão, fomentando o desconhecimento e o avanço das Ciências em si próprias. São os chamados Mistérios das Fé, intocáveis, tabus estabelecidos não pelas divindades, apesar de a elas atribuídos, mas sim do e para os próprios humanos, na sua fome de poder.

Com o Renascimento as Ciências foram resgatadas e desde então a História mostrou a ressurreição do florescimento científico, não só das Artes, mas da Física, Química e Biologia.

Especificamente os fenômenos químicos deixaram de ser bruxaria, heresia e deram lugar às pesquisas de substâncias que permitiram o surgimento da Farmacologia, por exemplo. E estas substâncias estão submetidas às reações regidas pela Física,

levando a processos que fundamentam processos vistos na Biologia, como a Anatomia e a Fisiologia, não só humanas.

O que um dia foi religião, conceito aceito sem explicação, fé cega, progressivamente se tornou e se torna conhecimento científico, conforme evoluímos nas Ciências, transitando no intermediário momento da chamada ficção científica.

Tomemos como exemplo a telefonia. No passado, pessoas se comunicarem a distâncias enormes implicaria em um conceito de milagre, com poderes sobrenaturais. Depois, livros, contos e filmes supunham tais eventos serem por aparelhos fantásticos, inexistentes. Hoje, tiramos o celular do bolso e o que fazemos?

O ser humano voar. Um conceito transcendental. Depois, aparelhos idealizados por Leonardo Da Vinci, que para época foram considerados loucura ou fantasia, talvez uma das primeiras ficções científicas que se teve notícia. E, agora, helicópteros, aviões, paraquedas, parapentes, asa delta, ultraleves, jetpacks e tudo mais.

Da mesma forma, o invisível e sua compreensão também evoluiu, permitindo entendermos que a existência e a energia são muito mais do que se supunha, é claro.

Toda evolução científica sempre dependeu da dedicação à pesquisa, mesmo que ela tenha sido em épocas sangrentas de guerras, investindo com podres propósitos, mas que no final reverteram para o bem prevalecendo sobre o mal, pois a evolução faz parte das Leis da Biologia e encontra compatibilidade com as Leis de Deus.

O próprio conceito de Deus deixou do egocentrismo antropomórfico e machista de uma imagem de um homem idoso e barbudo, branco, sentado num trono de luxo, para se tornas o conceito da Força Suprema da Criação, cuja compreensão de sua composição ainda nos foge, por falta de como demonstrar.

Porém, como já vimos, ainda não ter o método adequado só mostra ainda não estarmos evoluídos o bastante, mas não implica na inexistência, muito pelo contrário.

Sabemos que o poder da mente nos foca no objetivo ou nos afasta dele, de acordo com a sintonia de nosso próprio pensamento, a psicofera que se estabelece, de acordo com o estado psicológico ao qual nos entregamos. E, assim, quanto mais em um meios evoluído estivermos, maior será o somatório para uma resultante ascensional.

Trocando em miúdos, quanto mais a pessoa evolui e quanto mais evoluídos tivermos no conjunto de uma

sociedade, mais evoluída esta sociedade estará, isto é óbvio.

O Espiritismo Científico é o ramo de estudo em que há a interseção das Ciências com a Doutrina, quando as Leis de Deus e as Leis das Ciências se encontram, porque evoluímos para que as Ciências progressivamente possam explicar aquilo que antes não conseguiam, justamente pela falta de metodologia, como já foi dito anteriormente.

Assim, a fé cega não é mais, progressivamente, porque o que se acreditava como mera impressão, talvez até inata, herdada de nossa própria natureza como fruto da Criação, vai sendo compreendido pela demonstração, valendo-se de meios, conceitos, conhecimentos que antes não se possuía, tais como Relatividade, Quanta, Dimensões, Multiverso, Teoria de Cordas etc.

Sabemos atualmente que além dos três estados da matéria, - sólido, líquido e gasoso, - bem como a existência da energia, temos os estado plasmático e as diferentes gradações destes dois últimos, principalmente pelos estudos com aceleradores de partículas, culminando na descrição demonstrada do Bóson de Higgs, a chamada “Partícula de Deus”.

Isto corrobora as teorias tais como das Cordas e do Multiverso., com dimensões além das quatro já conhecidas (comprimento, largura, espessura e



tempo), onde as Leis da Física de nosso universo não se aplicam.

Não se pode deixar de citar obras importantes no terreno destas três Ciências eu nos apontam cada vez mais neste sentido.

Desde Crookes e Richet, passando por Bozzano e o casal Curie, chegamos às pesquisas de Transcomunicação Instrumental (TCI), estudos do Fenômeno de Vozes Eletrônicas (FVE), com cada vez maior demonstração de que a crença dita cega mais e mais obteve pelos novos métodos a comprovação de que existem vários planos de existência e que a Fundamentação da Doutrina Espírita esteve demonstrada:

1. Imortalidade da alma, que livre do corpo chama-se espírito.
2. Os espíritos preservam a natureza senciente e identidade.
3. Os espíritos se comunicam com os vivos e desejam fazê-lo.
4. A reencarnação é fato e faz parte do aprendizado.
5. Assim como os vivos, os espíritos têm diferentes níveis evolutivos.
6. Os espíritos, assim como os encarnados, evoluem, não retrocedem.
7. Tanto os vivos quanto os espíritos estão sujeitos à Lei de Causa/Efeito.

Então, como vimos, a fé cega é apenas um artifício conceitual, que apenas se aplica ao período que precede o desenvolvimento de métodos que permitam a detecção, estudo e definição das Leis da Mecânica Celestial, não apenas astronômica, onde as múltiplas moradas estão de acordo com os conceitos hoje já aceitos de multiverso e que energia e matéria tem uma interconversão não aleatória e acéfala, mas sim uma organização inteligente e propositada, com claro objetivo evolutivo.

Lembramos que ao lado de Darwin, tivemos também Wallace, porém este esquecido na literatura ortodoxa tradicional, por ter sido execrado, ao considerar mais do que o materialismo em seus estudos. Estudos estes, aliás, que deram os mesmo resultados que Darwin obteve quanto à Origem das Espécies e Evolução, com muito, mas muito menos tempo de estudo que o seu famoso colega e amigo.

Devemos ainda citar muitos outros autores que até hoje estão em suas obras cada vez mais apresentando os modernos e sempre atualizados conceitos, coadunando em harmonia os conhecimentos das Ciências com a Doutrina, neste III Milênio, onde caminhamos para a Nova Era, onde deixamos de ser um planeta de expiação para nos tornarmos um mundo de regeneração.

São os nomes de Grandes Vultos cujos trabalhos importantes nos mostram a continuidade desta

jornada para a fé cega deixar de existir, substituída pelo conhecimento verdadeiro. Dentre eles, destacamos Ian Stevenson, Henri Bergson, Gustave Geley, Oscar D'Argonnel, Friedrich Jürgenson, Konstantine Raudive, George Meek, Hernani Andrade, Moacyr Uchôa e Paulo Frutuoso.



## 10. A Utopia Atávica

Na literatura convencional define-se **Utopia** como sendo uma sociedade imaginária que possuiria qualidades altamente desejáveis, ou quase perfeitas, para os seus cidadãos.

A palavra foi criada a partir da justaposição dos termos gregos antigos "οὐ" (prefixo de negação) e "τόπος" (lugar), significando o "não lugar" ou "lugar que não existe".

O termo foi inicialmente aplicado por Sir Thomas More no livro "*Utopia*", de 1516. Nesta obra ele descreveu uma sociedade insular fictícia no sul do Oceano Atlântico, na costa da América do Sul.

O oposto de Utopia é *Distopia*, gênero no qual, a partir da década de 1950, passou a dominar a literatura ficcional, principalmente por causa do impacto da obra: "*1984*" de George Orwell, publicada em 1949.

Outra famosa distopia encontramos em "*Admirável Mundo Novo*", de Aldous Huxley, onde além da equanimidade robotizada dos seres humanos, reprimidas suas emoções, temos em vez disso uma distopia baseada numa preconceituosa eugenia de estratificação da sociedade.

O termo Utopia também pode denotar experimentos reais que tentaram construir sociedades utópicas.

Estes assim chamados experimentos utópicos em geral geraram estados ditatoriais desumanos, verdadeiras distopias, como vimos vários exemplos, inclusive na História Contemporânea: Alemanha Nazista, URSS Stalinista, China Maoísta, Japão Imperialista, Coreia do Norte da Dinastia Kim, Estado Islâmico, dentre tantos outros.

Conclui-se que a Utopia é um processo de dentro para fora, jamais o inverso, pois seria impor uma despersonalização global, transformando todos em quase *cyborgs* clonados, a Suprema Distopia.

Nesta Suprema Distopia observa-se uma coletividade apática, desumanizada, obedecendo cegamente a um grande líder e sua camarilha, que substituiria Deus na representação de Ser Superior. Não é à toa que grandes governos totalitários tendem a serem ateus.

As utopias literárias costumam priorizar, entre outras coisas, a igualdade, em categorias como economia, governo e justiça, com o método e a estrutura de implementação proposta variando de acordo com a ideologia do autor.

Então, a Evolução Espiritual aponta para uma sociedade Utópica, com a Fraternidade Absoluta,

onde o mal foi erradicado, na sua máxima expressão da ascensão desta evolução.

Não fica difícil entender que a Utopia é o resgate do estado original, descrito como Paraíso.

Em termos psicológicos, é o resgate que resolve a perda, da pureza do ser senciente, individual e em grupo equânime entre seus elementos que o compõe.

No que diz respeito ao Espiritismo, a Utopia é atingida pela Evolução Espiritual, pela Reforma Íntima, onde há o progressivo expurgo das mazelas e maldades, direcionando o espírito cada vez mais, a cada árduo degrau, ao estado de Perfeição.

Na cultura cristã, temos em Jesus o emissário desta Mensagem de Deus, a busca do seu Reino, a Utopia Divina. Sua missão, arrebanhar em direção ao Caminho até esta Utopia, enquanto uma condição, não um ponto geográfico.

O livro de More é uma forma de propagandear um projeto humanista de transformação social e representa aspectos capitais do Humanismo Renascentista.

Apesar de ter sido escrito como uma apologia para a evolução da humanidade se fazer pela Ética, pela razão, independente da religiosidade, por um paradoxo conceitual, corrobora o que todas religiões

pregam, a purificação da alma em direção ao ascendente divino.

O resgate do “*Paraíso Perdido*” (de John Milton, 1667) é o resgate da Utopia, em sua essência mais simples de entendimento.

Mas este resgate da originalidade da natureza espiritual, pura, não se refere apenas a um âmbito físico, é claro. Uma vez adquirido o Conhecimento, somente pelo Livre Arbítrio e pela Fraternidade Universal, após longo período evolutivo, em ambos os planos (material e espiritual) chega-se ao estado utópico paradisiáco.

Ou seja, como bem definiu Wilfred Bion, “*toda melhora é precedida de transitória piora*”. No caso, todo o processo evolutivo reencarnatório, resolvendo diferenças, dívidas, consequências, expurgando o mal, aprimorando o vínculo ao bem.

**Atavismo** (do latim atavus, "ancestral") é o reaparecimento de uma certa característica no organismo depois de várias gerações de ausência.

Em Biologia, atavismo é uma reminiscência evolutiva, como reaparecimento de traços que estiveram ausentes em várias gerações.

Pode ocorrer de várias maneiras. Uma maneira é quando genes para características previamente



fenotípicas (características físicas externas, tais como cor de olhos) existentes são preservadas no DNA, e estes tornam-se expressar através de uma mutação que quer nocautear os genes primordiais para os novos traços ou fazer os traços antigos substituírem os atuais.

No caso, o Atavismo Espiritual é o reaparecimento das características originais do ser, suplantando aquelas que se adicionou, ainda que temporariamente, à pessoa, podendo conferir uma aparência distorcida ou diferente, porém transitória.

O Atavismo também pode ser expresso no comportamento, ao que se chama Instinto, que não depende da consciência, ao contrário do Aprendizado.

Quanto mais inferior um ser na escala zoológica, maior o condicionamento do que o aprendizado.

O que nos leva ao conceito de que o Atavismo está em relação às formas mais primitivas e não as aparentemente mais evoluídas, enquanto Sapiência em vez de Sabedoria, quanto mais primitivo for.

Atavicamente, fomos criados puros e bons, absolutos nesta forma, como no conceito da Criação e no estado de Paraíso. Ignorantes, não pelo uso deturpado atual desta palavra, mas sim pelo simples desconhecimento do bem e do mal, sua distinção.

Ao tomarmos consciência de nós mesmo, ao entrar no estado convencional de Paraíso Perdido, restou-nos a Centelha Atávica que nos impulsiona para o resgate da Utopia Original, pelo que exerçamos o Livre Arbítrio, através do Caminho que nos leva de volta ao encontro das esferas superiores, progressivamente.

Então, o Atavismo se faz pela crescente revelação do que estava dormente, reprimido dentro de nós mesmos, o bem pleno sem limites, a Fraternidade Absoluta.

A Utopia é atávica por ser o conteúdo reprimido e progressivamente liberado ao longo da Jornada Evolutiva, o que está de pleno acordo com a máxima da própria Doutrina, sempre prosseguir, sem retrocesso.

São justamente o Livre Arbítrio e a Reforma Íntima que se fazem como mecanismos de desrepressão, permitindo a manifestação do resgate da pureza do ser, somando-se todo o aprendizado moral da jornada percorrida.

A velocidade em que isto se faz é obviamente definida pela Lei de Causa e Efeito.

## 11. A Grande Balança

É bem conhecida em quase todas as culturas e suas Religiões e/ou Filosofias, o conceito do Julgamento das Almas.

Assim como na matéria temos Leis e Tribunais, no Divino se encontra a projeção ou a correspondência, fundamentada na moral e ética da(s) vida(s) percorrida(s) em mais de um plano existencial, de acordo com a Doutrina considerada.

E, obviamente, estamos inexoravelmente dentro de um conceito de parâmetros maniqueístas.

Como já foi abordado anteriormente, vale lembrar que o Maniqueísmo é uma filosofia religiosa sincrética e dualística fundada e propagada por Manes ou Maniqueu, filósofo herético do Século III, que dividiu o mundo simplesmente entre Bom, ou Deus, e Mau, ou Diabo.

Para o Maniqueísmo a matéria é intrinsecamente má, e o espírito, intrinsecamente bom.

Com a popularização do termo, maniqueísta passou a ser um adjetivo usado para descrever todas as Doutrinas fundamentadas nos dois princípios opostos do Bem e do Mal.

A questão que se põe, também dual:

- Somos naturalmente bons, corrompidos pelo mal?
- ou
- Somos naturalmente maus, corrigidos pelo bem?

E este questionamento nasce, no pensamento filosófico, da Teodicéia Agostiniana, desde Agostinho de Hipona, passando por Santo Agostinho, até João Calvino, que defende sermos naturalmente bons, corruptíveis pelo mal, enquanto submetidos às tentações materiais, bem como as mazelas espirituais (orgulho, soberba, avareza, luxúria, gula etc).

Nepomuceno também de forma brilhante teceu suas considerações, ainda dentro desta abordagem filosófica, ao analisar tais questões segundo o pensamento de Thomas Hobbes.

No entanto, se considerarmos São Tomás de Aquino, o apego ao material se faz *a priori*, na busca da felicidade, no afã de prazeres, porém isto é o caminho errado, devendo o autoconhecimento preceder a libertação dos valores concretos, para encontrar a Deus pelo desapego e aproximação ao divino.

Ou seja, em seus 49 anos de existência, de (1225 - 1274) Tomás de Aquino já pregava, sem dúvida, o

conceito de Reforma Íntima, no intuito de distanciar o ser humano do mal, em direção ao bem.

Isto significa dizer que, ao contrário do pensamento agostiniano, o humano seria de natureza impura, imatura, devendo ser educado e purificado em direção progressiva ao puro, quanto mais o fizesse, mais próximo de Deus estaria. E tal pensamento está de comum acordo com o principal influenciador do pensamento de Tomás de Aquino, que fora Aristóteles (384 - 322 a.C).

O pensamento de autoconhecimento é parte da Doutrina Filosófica grega clássica, - “conheça a ti mesmo”, - dentro da dialética aristotélica.

Se considerarmos, no entanto, as vias neurais e a estruturação da Teoria da Mente, como bem querem a Psicologia e, principalmente, a Psicanálise, veremos que reprimimos e recalamos, tendo estes pensamento sufocados a evasão por meios indiretos, tais como atos falhos, chistes, somatizações etc. Então, somente pelos efeitos a si próprio, bem como aos próximos e ao meio, podemos depreender a Causa do Efeito.

Conclui-se que o Bem o Mal não são grandezas absolutas, ambas coexistem em uma constante busca de equilíbrio de forças, onde a ponderação se faz pela disciplina dependente da evolução individual, permitindo, no exercício do Livre Arbítrio,

a manifestação em um ou outro lado desta polarização.

Ora, isto está de pleno acordo com a Doutrina Espírita, na qual sabemos que o ser humano encarna ignorante, por desconhecimento, não devendo ser usado o significado deturpado desta palavra. No caso, por simplesmente ignorar as regras e leis ao nascer, porém com o potencial da bondade, do bem em si, tentado pelas seduções materiais.

Tem-se assim um conceito misto, tanto agostiniano quanto aquiniano, pois somo de fato naturalmente bons, tentados pelo mal, porém temos a natureza ignorante ao nascermos na matéria, podendo e devendo sermos lapidados pelo bem, para que o diamante bruto se torne o brilhante resplandecente cada vez mais.

E esta lapidação vai depender justamente do autoconhecimento, pela Reforma Íntima realizada, mais uma vez lembrando-se depender do Livre Arbítrio em todos os passos da Jornada.

É a resultante deste processo que nos define o estágio evolutivo, qual o prato desta balança mais pesará a cada desencarne, para se fazer mais estudo e preparo no estado etéreo, definindo o próximo retorno para um novo ciclo encarnatório.

## 12. O Espelho Infinito

O mote deste tema parte de um interessante livro de Michael Ende (1929-1995), “*O Espelho no Espelho*”, do qual pelo gancho do tema se aplicou um estudo filosófico, sob o prisma do Espiritismo.

Ende foi um escritor alemão de romances sobre fantasia e livros infantis a partir de um movimento antroposófico (estudo do ser humano sob o ponto de vista moral e intelectual).

Foi um dos mais famosos autores do Século XX, pelo seu sucesso com livros infantis, convidando o leitor a entrar em um estranho mundo cheio de símbolos visionários e o poder de se identificar com os heróis de suas histórias.

Dentre seus escritos, temos “*História em fim*”, que foi levado às telas.

Todos seus livros tem metáforas didáticas, os personagens são igualmente representações das múltiplas facetas da natureza humana e as suas interrelações.

Bem sabemos que dois espelhos postos em paralelo, um em frente ao outro, refletirão ao infinito. Esta observação vem desde cedo, na infância, quando

passamos por corredores ou entradas de prédio, onde existem em duas paredes fronteiriças.

Mas, o que querem nos dizer, na sutileza desta situação? Sim, porque nada é ao acaso. Também é de nosso conhecimento que nada acontece sem um propósito, ainda que seja atribuído, não intrínseco, mas encontrado, através da sabedoria, que desenvolvemos e nossos mentores nos conduzem a ela.

O Espelho Infinito, somos nós. Nós que somos objeto e imagem, que refletimos e somos refletidos. Ação e Reação. Seja na realidade do que somos, objeto, bem como na ilusão do que aparentamos, a nossa imagem, ora invertida, ora corrigida, dependendo da profundidade da perspectiva do Espelho Infinito.

Em uma primeira camada, neste cenário, temos a imagem invertida de nós mesmos, à nossa frente, tudo aquilo que se inverte e nos é apresentado pelo que projetamos no meio, nos nossos semelhantes. E, atrás de nós, está a verdade, que não podemos ver, porque estamos dentro de nós mesmo, não n o que vem atrás de nós, ou o que dentro está, mas não podemos também ver, senão por métodos e aparelhos especializados, em comum uso da medicina.

Mas, o mais importante, é o que está em nós, que nenhum aparelho mostra, não e nada mais do que a



essência do que somos, na busca eterna deste conhecimento, a consciência da vida, de nossa real existência. E isto se reflete, o que de nós aflora e o meio reage a esta emanção, considerando que outros também fazem parte do meio, com reciprocidade, pois também somos imagem e objeto de tantos outros, quanto nós mesmos.

O clássico conceito “conheça a ti mesmo”, vem desde a Antiguidade, oriundo do grego antigo "conhece a ti mesmo" (grego: γνῶθι σεαυτόν, transliterado: gnōthi seauton), fazendo parte dos ensinamentos transmitidos por Sócrates. É uma das máximas delficas, - portanto foi inscrita no pronau (pátio) do Templo de Apolo em Delfos de acordo com o escritor Pausânias (110-180). Em latim a frase, "conhece a ti mesmo", é geralmente dada como “nosce te ipsum” ou “temet nosce”. É a própria Autognose, a busca pelo autoconhecimento.

Segundo Aristóteles (384-322 a.C.), “nada existe no intelecto, a menos que preexista nos sentidos”. Mas Kant (1724-1804), ao adicionar o adendo “exceto o próprio intelecto”, nesta frase, apesar de ser o pai do Empirismo (a experiência como base do conhecimento, não considerando o conhecimento inato), trouxe consigo a porta que se abriu para que houvesse o contradito de sua própria visão do ser humano como uma página em branco ao nascer, sendo uma consequência do meio, da experiência social.

Pois, como querem os Existencialistas supracitados, tais como Sarte (1905-1980), ainda que seja uma página em branco, ela só em branco porque a página existe e também existe alguém para dizer ser uma página em branco. Ou seja, a página só existe para alguém porque tem alguém para vê-la.

O mesmo somos nós, existimos porque viemos de algum lugar, vamos para algum outro lugar e temos o conhecimento de nós mesmos e do mundo a nossa volta e isto tudo de forma recíproca.

Segundo Sartre, o ser humano está condenado à liberdade, bem como a existência precede a essência.

Por mais confuso e complexo que possa parecer, é muito simples, na verdade. Somos objetos perante o espelho porque temos a consciência de nós, do espelho e de nosso reflexo.

E temos o conhecimento de que na nossa frente se espelha o que está atrás de nós, que nos trás a imagem do que nos precede ou aparenta preceder. Se nos virarmos 180°, nada muda, pois a simetria destes espelhos confrontados faz que tudo também nos acompanhe na rrotação, o presente ainda será cada momento do tempo em que estamos, o passado que fica às nossas costas, o futuro porvir à nossa frente.

O Existencialismo Espírita, a vertente Filosófica e Autognóstica da Doutrina, nos leva ao aprofundamento do Existencialismo tradicional, representado no mundo através de ilustres, tais como Sartre.

Em contraponto, humanistas tais como Camus (1913-1960), ou pensadores do realismo pessimista de Rosset (1939-2018), além de tantos outros nomes não menos famosos, infelizmente se afastaram da busca ampla do conhecimento, ao negarem a natureza não material do ser.

Vale lembrar, entretanto, que de nada adiantará para a nossa marcha evolutiva termos o conhecimento de nós mesmos, enquanto animais racionais, seres sencientes, se não aprofundarmos mais e mais, nesta busca de nós mesmos, que então se faz pelo que soubermos enxergar.

Assim, buscamos a visão verdadeira neste sistema de aprofundamento infinito, ao longo não só desta, mas de muitas vidas, sejam elas no plano material ou, principalmente, no etéreo, como espíritos livres, onde revisamos as passagens e isto nos instrui mais ainda, preparando-nos também para as próximas reencarnações.

Imaginemos que cada plano destes espelhos frente a frente tem um par, a visão de frente e a de trás. A da frente, na primeira camada, é aquela que nos reflete,

invertida, pelo que causamos ao meio, a reação, o efeito.

A que está atrás, é o que não vemos, o que está dentro de nós, uma imagem direta, não invertida, mas que nos seguiria aonde formos, onde quer que estivermos, pois será nossa sombra especular até o fim, desde o princípio desta vida.

Nela trazemos as demais camadas em que qual um trem, traz encadeada todas as demais, porém com uma diferença angular, muito sutil, que pelo que se reflete naquele espelho na nossa frente, permite vislumbrar as camadas de reflexões naquele espelho às nossas costas.

Esta sutileza são as diferenças que trazemos de outros momentos desta vida, onde nós formos infinitesimalmente outras pessoas, pois a cada dia, a cada segundo, ou fração deste, não somos exatamente os mesmos.

Por que? Porque a evolução é inexorável. Estamos fadados à evolução. Então, o que se vislumbra sempre e cada vez sempre mais, à nossa frente, é o reflexo, o efeito, daquilo tudo que está retrospectivamente sendo refletido simultaneamente naquele “espelho” às nossas costas, a nossa marcha evolutiva, dentro desta e de tantas outras vidas passadas.

A causa de hoje traz em si o efeito no amanhã, mas também é o efeito de outra causa pregressa, que por sua vez também é consequência de algo mais antigo ainda, - assim o é, indefinidamente, pois estamos perante o Espelho Infinito, a própria Vida em si.

Não é à toa que o espelho é usado em técnicas de desdobramento e de autognose. Em diferentes correntes e sociedades de estudos filosóficos é uma ferramenta muito importante. Porém não é mais importante do que o próprio pensamento humano, que, em última análise, até dispensaria tais “ferramentas”, pois tudo que na verdade precisamos, já temos dentro de nós mesmos: a consciência, com a noção do Livre Arbítrio, até atávico dom, que nos vem desde as priscas eras de nossa marcha evolutiva espiritual.

Ou então, como bem Gonçalves em sua obra expressou a idéia de que o avanços nas Ciências Sociais e nas Ciências Cognitivas promoveram uma nova compreensão da natureza humana, em instâncias separadas da biologia e da cultura, porém a Comunicação Social não dialogaria com esses avanços, permanecendo encapsulada numa concepção de natureza humana perigosamente desatualizada.

De onde se depreende que por mais que a tecnologia tenha avançado, há defasagem entre o avanço e a comunicação humana em si.

Extrapola-se aqui, no caso do Espiritismo, por mais que o Espiritismo Científico tenha desenvolvido novos meios, aparelhos, para a investigação de comunicação entre os planos e no aprofundamento na pesquisa do passado.

Ainda assim, é uma realidade insuficiente e defasada. Até porque o foco não há de se colocar no meio, no método, mas no objetivo real, o conhecimento para o aprimoramento, a depuração espiritual.

Soma-se a isto a necessária amnésia dos períodos progressos de vida material, sem o que, ela própria seria insuportável, por toda a carga que trazemos, intolerável enquanto na matéria estivermos.

E também esse amplo ou total conhecimento prejudicaria o livre arbítrio de nossos atos, a cada novo ciclo de reencarnação.

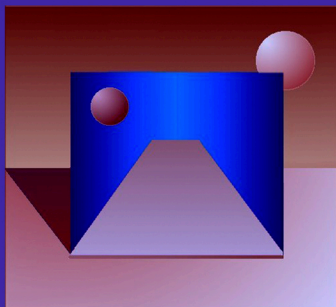
A imagem especular, como vimos, é e sempre será muito além de mera forma física, direta ou invertida, de nós mesmos, pois nela está inscrita a marca do que somos e não enxergamos, senão pelos olhos alheios ou pelos reflexos obtidos.

Cabe a nós não nos recusarmos e nem nos assoberbarmos.

Nem odiar e nem muito amar o que enxergamos, mas de sua consciência, de seu conhecimento, construir em nós mesmos o que pode nos melhorar.

E esta melhora, dinâmica e constante, certamente se refletirá não só no Espelho Infinito, mas também no próprio Infinito em si, pelo que fomos, pelo que temos sido. E, por causa disso tudo,- o mais importante, - pelo que podemos nos fazer sermos.

Quanto maior o conhecimento, maior também será proporcionalmente a responsabilidade.



# Filosofia Espírita

## Considerações Gerais

*Ensaio teórico sobre a Filosofia Espírita e de suas correlações com a Ciência e a Religião, em busca de uma fácil compreensão geral da Doutrina, pelos seus princípios.*

*Não se trata de um texto acadêmico e nem uma obra de pesquisa aprofundada. A sua composição está voltada para o público em geral.*

*Visa tornar mais atraente o tema, no sentido de facilitar os estudos do Espiritismo em uma de suas três bases de constituição, conforme definidas pelo próprio Codificador.*

